



FORTE NA ILHA DE THORN.

Milford-Haven, pertencente ao condado de Pembroke, dista de Londres 285 milhas; porém, por meio do caminho de ferro, que é um ramal desde Manchester, communica promptamente com a metropole gastando-se na jornada apenas nove horas. Gosando d'esta communicacão pela via terrestre, Milford-Haven, que é considerado o melhor ancoradouro de toda a Inglaterra, passará em breve de um simples porto de abrigo a ser uma ampla escala do commercio maritimo.

Aos 15 de abril do corrente anno inaugurou-se aquelle caminho de ferro que é uma continuacão do que se denomina da Galles do Sul, e fará cessar as causas porque o commercio era frouxo em Milford, achando-se a muita distancia dos districtos industriaes e carecendo de meios de transito para as fazendas, posto que a sua posicão fosse mais favoravel que a de nenhum outro porto occidental; admite os maiores navios em quasi todos os periodos das marés, e tem capacidade para receber na sua segura bahia, as esquadras de todo o mundo. Milheiros de vasos mercantes e muitos de guerra annualmente buscam refugio ali contra os rijos temporaes do canal de S. Jorge, e é tão facil e seguro abordo-o que raros são os accidentes perigosos ainda mesmo entrando sem piloto da barra. Nelson dizia que era o mais bello porto que conhecia e tomava particular empenho no seu progresso e aperfeicamento.

Thorn Island ou ilha de Thorney é um rochedo esteril e alcantilado, que demora ao sul da entrada do porto obra de oitenta braças da terra firme na ponta de Thorn e tres a quatro milhas do pharol no ca-

beço de Santa Anna, extrema ponta da terra do lado do norte. Sobre esta rocha foi erecta haverá tres annos a fortificacão, cujo desenho damos, e que não tem forma regular, antes parece que foi adaptada pelo architecto á configuracão do rochedo; posto que feita de pedra calcarea é solida e compacta; tem de guarnicão um tenente, tres sargentos e vinte e quatro praças da artilheria de milicias de Pembroke. A distancia de duas milhas levantou-se outro forte n'um ilheo similhantemente de penedia escavada, menor em tamanho tendo montadas cinco peças, quando o primeiro é defendido por nove; este segundo denominado Stack fica mais para dentro do porto; está-se edificando terceiro forte em Dale point da parte do norte da entrada do porto de Milford, applicando-se o governo a proteger a costa até agora quasi indefesa, bem como o importante arsenal real de marinha em Pembroke, de maneira que uma serie completa e technica de fortificacões seja construida com as condicões sufficientes para resistir a qualquer ataque.

A estacão do caminho de ferro faz frente ao arsenal de Pembroke, de que está arredado perto de milha e meia. O condado de Perabroke, que é uma provincia do paiz de Galles rodeada de mar por toda a parte excepto a leste, é abundante em bons pastos e terras de lavoura. Uma das curiosidades d'esta comarca é o *culm*, pó de curvão mineral, de que se fazem bolas que dão um lume agradavel, duradoiro e sem fumo. No castello da capital nasceu Henrique VIII. Milford-Haven não tem recordacões historicas. Ali ha uma carreira de paquetes para a Irlanda.

M.

JULHO 19, 1856.

Vol. V.—3.ª. SERIE.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDOS  
OLISIPONENSES

## POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

## III.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

## VIII.

A corporação de que o Diniz era alma e fundador, no meio dos seus cuidados litterarios, nunca perdia occasião de manifestar os instinctos aulicos.

Exceptuando o Garção, quasi todos aquelles austeros sacerdotes do culto romano sacrificaram no altar do poder e do valimento.

O marquez de Pombal, como o cardeal de Richelieu, tinha na Arcadia um còro de apologistas incansaveis, e rara seria a festa, ou o despacho do ministro, que os poetas laureados não celebrassem ardentemente em enthusiasmo.

Deve acrescentar-se, porém, que o conde de Oeiras não pagava excessivamente caro o incenso, que os vates queimavam á perna nos seus thurybulos. De vez em quando, nas horas de ocio, estendia o passeio da tarde ao monte Lúculo, e honrava os pastores com a sua visita; e se alguma se lhe mostrava esquivo, ou lhe parecia perigoso, prendia-o na cadeia até morrer, como succedeo ao autor da cantata de *Dido*; aos outros, mais flexiveis e cortezãos, contentava-se em os premiar com alguns louvores, e até com promessas vagas, de que depois se esquecia religiosamente. S. ex.<sup>a</sup> tinha tanto em que pensar!

Antonio Diniz, segundo já notámos, não era dos que podiam queixar-se. A toga, bem vista do secretario de estado d'el-rei D. José, por condão particular talvez isentasse o imitador de Pindaro da indiferença polida, mas constante, em que o marquez se esmerava para com os arcades, seus admiradores e panegyristas.

Se os bons versos não eram titulo de merito aos olhos do poderoso socio da Academia de historia, cujas prosas difusas não peccavam por um gosto delicado, esta feliz culpa pouco atrasou a carreira do cantor do *Hyssope*, ou a do poeta do *Uruguay*.

É verdade que Elpino sabia doirar a adulação, e que José Bazilio, disparando os metros, contra a proscripta roupeta dos jesuitas, ajudavam a politica do ministro, que via n'elles dois uteis auxiliares, e os tratava como amigos franqueando-lhes as portas do seu palacio, e os sorrisos intimos do seu agrado.

O Quita, que só era homem no meio dos rebanhos das suas eclogas, embora variasse as modulações á flauta rustica, nunca obteve do marquez senão palavras esperançosas, e ouvidos distrahidos.

O pobre cabelleireiro tinha o defeito de não poder lavar uma sentença capital em caso de apuro, e de não se atrever ás temeridades lucrativas do poema satyrico, deixando em paz os discipulos de santo Ignacio, e as suas *terribilidades*.

Uma ou outra ode, que tentou, applaudindo as theses cruentas, que o conde de Oeiras sustentava contra a nobreza, tomando o verdugo por arguente, eram coisa de pouca monta para merecer menção especial, e por isso não admira que ficasse no escuro, e que não lembrasse para os empregos.

Estas reflexões, talvez extensas, foram-nos suggeri-

das, a proposito da collecção de Dithyrambos, que encerram as obras completas do Diniz.

Um d'estes (o VIII) cantado na sessão academica, em casa do morgado de Oliveira, celebra, já se vê, a gloria e o applauso do grande marquez de Pombal.

Elpino cantou o primeiro tenor, e Theotonio Gomes de Carvalho o segundo. A poesia, composta por ambos, foi impressa na officina regia, honra devida aos primores, que exaltavam o nome do Sully portuguez; e os dois vates, brindando á saude e venturas do ministro, em strophes arrebatadas, naturalmente não tiveram motivo para se arrepender da complacencia.

No genero lyrico, e nas formas de imitação restauradas e reproduzidas pela Arcadia, o Dithyrambo não podia esquecer a um poeta, como Elpino, que parece haver timbrado em os tentar a todos.

De origem grega, mas filhos das epochas menos cultas, estes hymnos, ainda rudes então, alegraram as festas das vindimas, espraçando-se os robustos cantores no elogio de Baccho e do guto capitoso da cepa.

Entre famosos poetas, que na antiguidade ganharam com elles grande conceito, Xenophonte cita a Melanippides, e não duvida louvar o quasi apor de Homero.

O celebre Arion de Methymne passa por ter sido o primeiro compositor conhecido de Dithyrambos, e o mesmo Pindaro não se desistrou, fazendo ressoar na lyra os gritos e as strophes atropeladas, que pintam os furores jonicos do deus da vinha.

Palavras novas e compostas, imagens atrevidas, pompas de estilo, versos tumidos e de todas as medidas, seguidos, alternados, ou enlaçados com variedade caprichosa, figuram a descompostura da ebriedade, e a louca exaltação que ella produz.

O arrojo da phrase, a liberdade solta dos metros e das expressões, e a exageração forçada das idéas e palavras, queriam os mestres das regras que escondessem a arte, sem ella por isso deixar de prevalecer.

No meio da confusão e da anarchia apparente, a ordem e o nexos deviam dominar. As transições de uma especie de versos para a outra, parecendo espontanea e abrupta devia guardar occultas analogias, harmonisando accentos e tons; e desferindo os vãos mais impetuosos, e subindo sempre, vencer a maxima difficuldade de disfarçar a fadiga e o calculo de modo, que se não sentisse ou apercebesse de longe a mão do poeta, e o seu cuidado.

É o que Horacio recommenda em uma de suas odes (a 2.<sup>a</sup> do Liv. IV.), exigindo d'esta phantastica e audaciosa poesia, que forme vozes novas e siga cadencias livres das leis do metro:

Seu per audaces nova Dithyrambos  
Verba devolvit, numeris que fertur  
Lege solutis.

No Dithyrambo VIII, que escolhemos para typo entre os de Elpino, embora não seja todo seu, os preceitos das poeticas, e os conselhos e exemplos de Quadrio e Menzini, são attendidos não só com escrupulo, mas até com certo alarde.

O defeito que mais avulta n'elle é a demasiada extensão. Custa na realidade, no meio dos coros e das vozes alternadas dos tenores, a acabar esta peça apesar dos rasgos, e bellezas, que a ornaram.

Depois, a alegria dos dois arcades, por ser estrepitosa e galhofeira, nem por isso parece muito sincera e natural. Não duvidando, que os vinhos de

Ooiras afugentassem a melancolia, e tornassem rosado e ledo o inverno, como asseguram os dois consócios, achamos comprida e estafada a lisonja, e um pouco contra posse o papel de cortesão conferido ao pampinoso e farfante Baccho.

Curvo Semedo, em partes mais livre na invenção, ou melhor inspirado, representa ás vezes com dobrado exito a desordenada carreira da musa ebria e descabellada.

Ha nas suas poesias d'esta forma mais alma e movimento, maior audacia, mesmo, nas metaphoras, e mais riqueza e opulencia de pensamentos e vocabulos.

No formoso Dithyrambo « a Celia » que tambem pecca por longo, a pintura da scena bacchica, avivamos tudo com tanta mestria, que os modelos acabados não lhe ficam muito longe.

Ali, sim, ha delirio verdadeiro! Vê-se a ebriedade no seu triumpho, rodeada das pompas idolatras, cega e avermelhada pelos fumos da cepa.

Evan! Que vejo em sonho!

Eis se me antolha

De Bacchantes um bando risonho

Celia, que fazes? olha. . .

Não escutas o som nos fundos valles

De tubas clangorosas

De roucos atabales

De estridulos pandeiros

De anafis, de buzinas espantosas?

Não vês como ligeiros

De corymbos, e parras coroados,

Dos crespos silvados

Das lobregas grutas

Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas

Saltam silvicolas satyros sofregos

As plantas caprinas leves trocando;

E o desinvolto corni-pede bando

Não ouves cantando

O Baccho Evohé!

Um trecho similhante do Diniz, no Dithyrambo rx (Baccho em Lusitania) mostrará a indole diversa dos dois poetas a braços com a mesma, ou a quasi mesma difficuldade. É tambem um quadro, aonde as figuras se animam; vestindo a scena de allegorias visiveis; e se falta o calor e o impeto de Belchior Semedo, outras bellezas brilham n'elle, e talvez o desenho seja mais apurado nos traços.

Uma tarde de maio serena

Quando o sol se banhava nas ondas,

As ribeiras do Tejo, que corre

As campinas de flores bordando,

N'um carro de vides toldado,

Por tygres ferozes

A passo tirado,

Entre o som confuso de sistros e vozes

Loução chega o filho de Jove sagrado,

.....

Caracolando cercavam o coche

Ululando, saltando, cantando

As fogo-fremitas

E Jaccho-gritantes

Lascivas Bacchantes,

Ou grossas serpentes

Nas mãos apertando,

Ou tyrsos vibrando.

Seguia-se logo

A chusma incomposta

De Faunos galhudos,

Corni-pedes Satyros,

Que pegas traziam,

E fallar faziam,

Evohe gritando,

Nebrodes chamando

Dithyrambo uivando

Uns tocavam soantes adufes,

Outros saltando batiam nos ares

Crotalos, cymbalos, timpanos, sistros.

.....

O deus dos pastores

De amoras pintado, e vestido de flores

Nas mãos conduzia a sagrada ciranda

.....

E o velho Sileno bauchado de mosto

Picador mesquinho de imbelles jumento

Levantando a vara que o burro feria

Ao côro estrondoso o compasso batia.

Citámos com mais extensão, porque não podiamos trancar o painel sem lhe roubarmos parte da physionomia. Semedo, mais conciso, precipita a acção, pinta de um rasgo, e com audacia feliz infunde calor e vida nas imagens, que lhe brotam inspiradas.

Elpino, menos impetuoso, e mais risonho, esmalta a cada passo a descripção, estende-a com arte, e completa-a com gosto.

Em ambos as transições obedecem á ordem occulta, que as rege; as metaphoras succedem-se com escolha; e os metros variam-se com harmoniosa irregularidade, dando a expressão imitativa. Vê-se que os dois estudaram por exemplares eguaes, e beberam na mesma fonte as formosuras e os defeitos.

Se um sobressae na graça, o outro eleva-se pelo arrojo; e de certo a palma caberia a ambos, se em uma coisa viciosa e falsa, alguém a pudesse disputar.

Lendo os Dithyrambos de Diniz e de Belmiro admiram-se os poderes que prodigalisam inutilmente engenhos assim dotados, e lamenta-se, que tão custosas galas e tão finas côres se malbaratassem com assumptos caducos, e sem interesse para nós.

A loucura galhofeira, e o raptó lyrico, ás vezes sublime, que a miudo se encontram n'esta lucta extravagante da arte com o que mais lhe repugna e a desdoira, lastima-se que homens de tal pulso, cedendo á vaidade de correr lanças em todos os torneios, não vissem que eram incompatíveis e improprios.

Vencidos todos os obstaculos, e esgotados os recursos do metro, da imaginação, e da lingua, que gloria alcança o triumphador, ganhando a corôa do Dithyrambo?

Apenas o prazer pueril de ser proclamado emulo de autores, que tiveram melhor alvo e outros fins!

O que era nos gregos a inspiração religiosa de uma festa nacional, nos modernos só se desculpa como simples parodia, como forçada e pallida imitação.

Vale ella o trabalho e o esforço? Não de certo; e hoje, louvando (porque o devemos) o talento que revela, somos obrigados a deplorar o tempo e as riquezas perdidas a copiar a sombra esmorecida de uma forma frivola, e morta para nós.

Os epigrammas compostos por Elpino são numerosos, mas parte d'elles não lhe pertence como original.

A collecção, publicada no iv tomo das obras completas, sobe a mais de cincoenta, e d'estes, trinta pelo menos parecem da invenção do poeta.

Bocage, sempre fecundo em rasgos satyricos, deixou-nos mais de cem, entrando os medicos e a medicina com bom quinhão no seu martyrologio metrico.

Belchior Curvo Semedo, menos fertil, e mais reportado, só escreveu dez, e cumpre accrescentar-se que pouco penetrantes, e bastante difusos.

O epigramma, segundo as regras da escola, representada pela Arcadia, era uma satyra fina, ligeira e cortante, breve nos termos, engenhosa no conceito, e nova nas idéas. Havia de pintar em rapidos traços sem nunca alargar o lapis; o chiste, leve e natural, sem dilacerar deshumanamente, carecia de ser bem apontado, e de ferir com agudeza, empregando-se todo no alvo.

Os gregos concediam-lhe mais extensão e outro alcance.

Entre elles esta forma para ser louvada como perfeita, consistia na expressão de um pensamento delicado, ornado com graça, e distincto pela brevidade. Quasi sempre se applicava em inscripções.

A Anthologia encerrando grande copia d'estes versos, não offerece muitos que se possam chamar criticos, e ainda menos satyricos.

A sua introdução data dos romanos; Marcial tornou-os populares, e serviu depois de modelo á grande familia dos poetas mordazes, que nas lettras modernas o imitaram nas qualidades e nos defeitos.

Antonio Diniz, mais erudito do que Bocage e Semedo, não desce a miudo a punir com tão perigosa arma os seus emulos, nem usou d'ella impessoalmente contra os vicios; pelo contrario, tanto nas versões como nas tentativas proprias, só procurou restituir ao epigramma a physionomia hellenica, esmerando-se em fazer sobresair o metro pelo relevo e correcção, e a idéa pela agudeza.

Os seus oito primeiros epigrammas celebram só acções, ou ditos memoraveis de alguns dos varões, que illustram a historia patria desde Affonso de Albuquerque e Vasco da Gama até Duarte de Almeida e Salvador Ribeiro.

Os seguintes, ou esmaltam, encastoadas em allusões delicadas uma sentença graciosa, um elogio terno, uma queixa amorosa, ou traduzindo, apropriam com gala os pensamentos estranhos, dignos de se gravarem.

Para se formar juizo mais seguro d'este aspecto, embora pouco importante, do talento do poeta, citaremos tres exemplos, tomados ao acaso entre muitos.

Conta-se, que navegando Vasco da Gama perto da costa da India, quando foi por vice-rei, começou o mar de repente a tremer. No meio do susto e confusão das tripulações, referem que o primeiro conde da Vidigueira soltara um dito heroico e nobre, que animou a todos, e dissipou o terror. O epigramma allude a elle:

Abrindo o grande Gama o mar ufano,  
Tremar se sente todo o Oceano:  
Um gelado tremor de toda a gente  
Os ossos corre; mas o heroe valente,  
Não temaes, lhes bradou, bravos soldados,  
Que os mares de nós tremem assustados! (1)

Agora vejamos como vencia, e até excedia os modelos de fora, transportando-os para a sua lingua.

(1) Diniz — Obras — Tom IV. Epigr. III.

A lueta é travada com Marcial e Antonio Cabedo, e com as opulentas posses do metro latino:

Queima Scevola a mão, que o golpe errara;  
Menos, se o não errasse, executara. (2)

Essa feliz abelha, que imprudente  
Tua bocca mordeu tyrannamente,  
É digna de perdão, Lilia formosa;  
Pois ao vél-a, julgou que era uma rosa (3).

Eis os textos, vertidos com tanta elegancia:

Quum peteret regem decepta satellite dextra,  
Ingessit sacris se peritura focus.  
Sed tam sæva pius miracula non tulit hostis,  
Et raptum flammis jussit abire virum (4).

Quod tua porpureos vincentia Cynthia flores  
Labra nimis felix, sed mala punxit apis:  
Parce illi, causas prætendit hic error honestas  
Crediderat veras scilicet illa rosas (5).

Parece-nos que ambos, pela concisão e finura do traço, não ficam atraz dos autores imitados, e que o portuguez n'este encontro não cede muito na viveza e propriedade da expressão.

Bocage, medindo-se com Ovidio na traducção das Metamorphoses, provou depois, que a lingua de Camões, para quem a sabe, não se mostra esquiva e indigente, nem se cansa facilmente, mesmamente acompanhar a formosa phrase de Virgilio e Horacio.

Os que a deshonram e aviltam não lhe conhecem os thesouros, nem o prestimo.

Continua

L. A. REBELLO DA SILVA.

### O CÃO BARRY.

Quantos ambiciosos de fama posthuma não invejariam a celebridade de Barry! Grande numero de viajantes extraviados, transidos de frio, tomados de subito pelas neves no monte grande Saint Bernard, lhe deveram a salvação da vida: intelligente e energico buscava e guiava os que ainda podiam andar, ou com risco seu puxava e transportava os desalentados ou exhaustos de forças. Explique quem o puder o que é que opera secretamente n'estes entes aos quaes nada mais ousamos conceder d' que o instincto; sómente diremos que Barry era um heroe da sua raça.

Ao cerrar-se uma tarde borrascosa, por entre nevoeiros um viajante descobre um animal robusto e de goela aberta que vem correndo a enconral-o; julga-se em perigo e descarrega rijamente o bórdão calçado de ferro sobre a cabeça do bruto, que lhe cae aos pés gemendo; d'ahi a poucos minutos os religiosos lhe fizeram conhecer e deplorar o seu erro; procurou-se o malaventurado cão, prestaram-lhe todos os soccorros, mas com pouca esperanza; comtudo fizeram-lhe o mesmo que praticariam com um homem, foi levado ao hospital de Berne; mas, como a pancada lhe offendera os miolos, não tardou que morresse. Tributaram-lhe a unica honra possivel,

(2) Diniz — ibidem — Epigr. LIV.

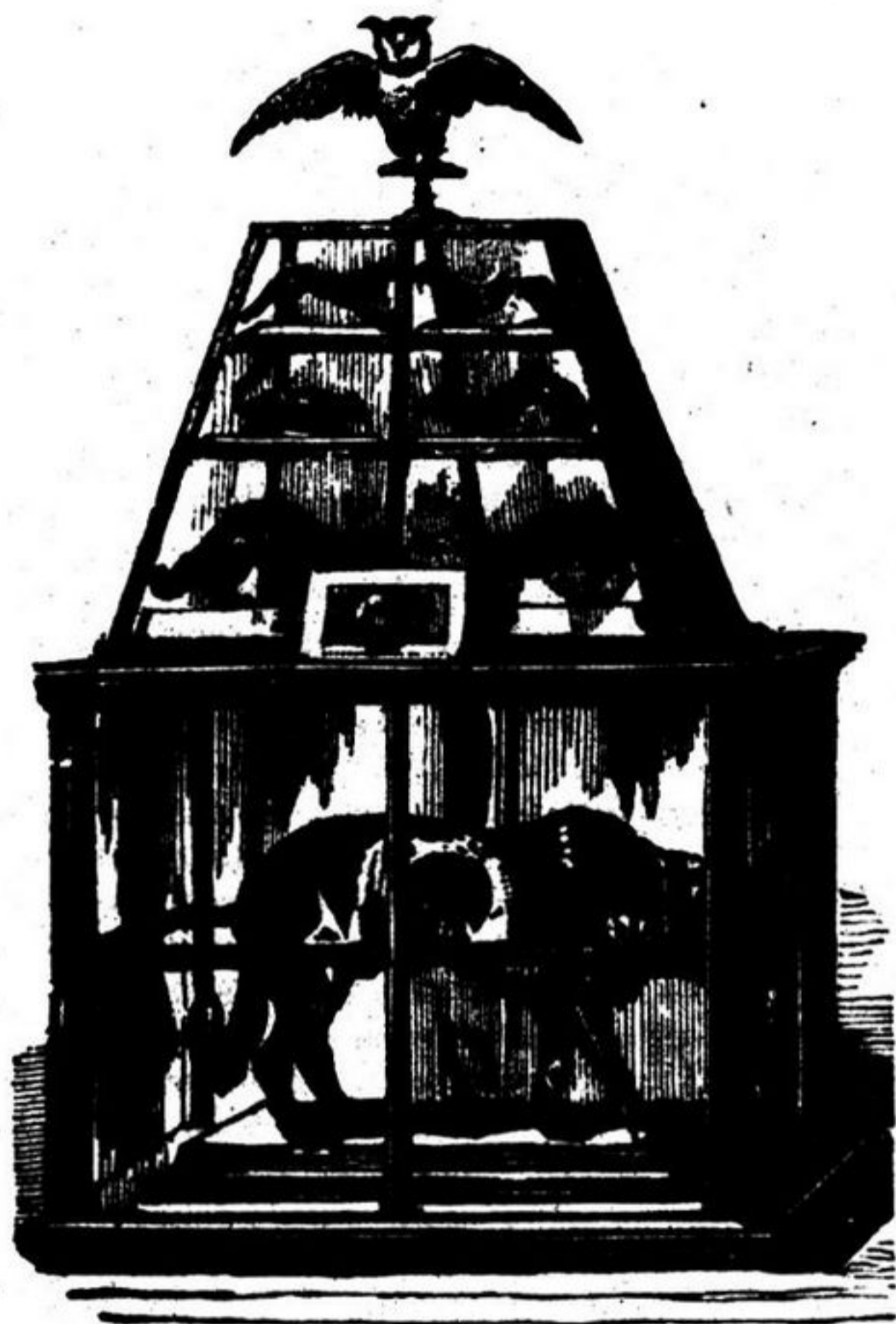
(3) Diniz — ibid — Epigr. XV.

(4) Marcial — Epigram. Lib. I. — epigr. XXII.

(5) Ant. Cab. I. Colloc.

conservaram o corpo e deram-lhe um logar no Museu de Berne, onde existe engaiolado.

M.



O CÃO BARRY.

A. DE LAMARTINE.

(Conclusão.)

III

Estamos no segundo volume das *Confidencias*. Eis aqui as palavras do poeta:

«Depois que esta primeira chamma da minha vida se evaporou, deixando-me deslumbrado, vaguei alguns mezes como a alma que perdera a luz do ceo, e que não faz caso da luz da terra.»

A primeira parte das *Harmonias*, d'essas paginas repassadas de unção religiosa, e intima poesia, foram escriptas em seguida á catastropho, que segando-lhe no coração a esperança da felicidade na terra, lhe deixara comtudo as aspirações suaves de um mundo melhor. Sem o desespero sinistro da musa de Byron e Goete, a sua harpa afinada nas crenças do christianismo soube acordar até as notas mais profundamente dolorosas pela resignação, e pela fé.

Depois do triste e desanimador scepticismo do seculo XVIII, foi o seu genio que arrancou a poesia da duvida onde vacillava tibja, e descorada. Foi á sua voz que se deveram os primeiros cantos d'essa grande epopéa, que temos visto crescer na nossa epoca,

e á qual nomes como os de Hugo, Manzoni, Schiller, Heine, e tantos outros teem juntado os primores do seu engenho.

A segunda parte das *Confidencias*, que a mordacidade invejosa de alguns criticos feriu sem consciencia, é o reflexo vivo, o espelho fiel da alma do poeta. Alma sincera, e pura, grande, e apaixonada como os seus cantos immortaes!

N'aquella galeria de retratos de familia, tocados por pincel divino, recreia-se a vista admirando as suavidades do colorido, a delicada correcção das linhas que em nada desmerecem a verdade e naturalidade das figuras. Sua mãe, bello e celeste exemplo das virtudes feminis, apparece no fundo do quadro com o sorriso da resignação, e da bondade nos labios, estremecendo o filho que a adora, comprehendendo os vôos da sua imaginação ardente, confundindo as suas lagrimas com as d'elle, desinvolvendo na sua alma infantil, pela educação, todos os sentimentos que ennobrecem o homem. Espirito superior e dotado de extrema sensibilidade, foi ella quem legara a Lamartine os dotes que deviam tornal-o mais tarde um homem eminente.

Os dias serenos da juventude, os reflexos do ceo na terra, acabaram para elle com a *estrella* que se desvaneceu no firmamento. A alma submersa na profunda saudade, o espirito absorto em si mesmo só acorda para o mundo da arte, rompendo em maviosos cantos.

O tempo vae-lhe pouco a pouco obliterando n'alma a parte acerba e corrosiva da sua dôr. As lagrimas do primeiro affecto seccam-se ao calor ardente da chamma dos olhos de *Regina*, da fascinadora italiana, que apparece nas trevas da alma do mancebo, brilhante e rapida como o meteoro. Então as viçosas e perfumadas flores do seu genio desabrocham á luz intensa d'este amor, como as flores abotoadas da campina aos raios vivificadores do sol esplendido.

Terminados os ardores da juventude, resfriadas as paixões dos primeiros periodos da existencia, na reflexão e cuidados da idade madura, o poeta deixa o logar ao philosopho, e ao politico. O philosopho apparece na historia dos Girondinos; o fervoroso e inspirado tribuno, no meio dos tumultos, do sangue, da metralha, das acclamações entusiasticas do povo. A sua palavra sincera e eloquente arrebatava as massas. A sua figura nobre e suave commove e domina os auditorios.

Durante o tempo que Lamartine geriu os negocios da republica, errou porque era homem; mas errou sobretudo pela nobre, e generosa sensibilidade da sua alma. Não é decerto este o logar para avaliarmos, quando podessemos, os actos da sua vida publica; todavia fallando do admiravel espirito não podemos deixar de prestar-lhe a homenagem devida tanto ás altas faculdades da sua intelligencia, como aos puros e severos sentimentos da sua alma.

A. de Lamartine acha-se actualmente em Paris. Para resgatar-se das perdas consideraveis que tem soffrido n'estes ultimos tempos, escreve uma obra extensa, que vae em breve dar ao publico, sob o titulo de *Curso familiar de litteratura*. Fazemos votos para que nos chegue ás mãos quanto antes este livro, que, trazendo o seu nome, não pode deixar de ter um subido valor.

BULHÃO PATO.

A loucura do homem tem chegado a ponto de fazer elogios á loucura.

**RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.**

(Continuação.)

**XIX**

Do que mais aconteceu na batalha.

Não sómente tinham os soldados castelhanos melhor estancia, mas a caravela da armada com artilheria grossa, chegada á costa, de uma banda e de outra, bordejando com vento norte, atirava de continuo á gente da terra; e os soldados castelhanos vendo já tanta gente, e por ficarem livres, e senhores da sua vontade escaramuçarem, e os trigos estarem por segar, e os estorvava, pozeram fogo a muitos, e o trigo que estava em frascaes na eira de Bartholomeu Lourenço. Diziam de baixo por muitas vezes *Carajos portugueses dejaros andar que oy habeis ser muchos cabrones*. Isto azedava os portuguezes e os attrahia á peleja com mais vontade. Quando a pobre mulher, por nome Angela Pereira, viu arder suas cearas e os frascaes da eira, e seu marido cativo, e ferido, e sua casa e fazenda em poder dos soldados, e ella com pressa em saia escapou, parecia uma doida, e com as lastimas que dizia animava aos portuguezes para que melhor pelejassem, e a tinham mão porque se queria ir metter em sua casa; e por que era mulher moça, nobre e bem parecida, e mulher muito galharda, sem falta sua honra e vida por resistir seria acabada. E a fizeram recolher com outras mulheres a cima a uma egreja de S. João. Havia mulheres com armas nas mãos, que se não tiravam de longo de seus maridos a pelejar, e outras que não tinham maridos. A horas de meio dia, dizem, que D. Pedro de Valdez vendo tanta gente, e o fervor com que pelejavam, e se defendiam, se tornou a recolher á armada; e lhe disse um piloto, que trazia tomado, natural d'esta cidade, por nome Henrique de Amores: *Fez vossa senhoria bem de se recolher, por que toda a gente que lá está corre risco tornar-se a embarcar*: elle lhe deu a entender como estava arrependido tel-a botado em terra. Estando assim escaramuçando a gente da terra entrincheirados, e os soldados castelhanos; estava um homem velho por nome Antonio Gonçalves, com seu arcabuz em uma trincheira. Como elle era bom espingardeiro, de maravilha errava d'onde apontasse. Um soldado castelhano de baixo disse: *Velho ruim hoje vos heide fazer cabrão*: cuidou o bom velho que já o fazia: disse aos que estavam perto d'elle, que todos ouviram: *Tende-me sentido n'aquelle castelhano*. Elle, e os mais puzeram n'elle sentido: em se descobrindo o pobre coitado castelhano, que sómente lhe viu a cabeça, antes do castelhano disparar, por irem ambos a um tempo com os arcabuzes ao rosto, lhe deu na testa, e o virou de costas, dizendo o Antonio Gonçalves: *Depois de velho cavalleiro, e minha mulher velha, me quereis enxovalhar! Não cumprireis já vosso damnado intento*. Outro velho por nome Gonçalo Ennes Machado, vendo que lhe mataram um filho, investiu com uma lança em as mãos, entre mais de cinquenta castelhanos, e fez maravilhas, que se lhe não atiraram com tantos arcabuzes fizera mais, porque primeiro que lhe dessem nos peitos, pelos braços e pernas lhe deram muitos tiros; mas como elle andava damnado não sentia coisa alguma, té

que caiu de costas e foi visto estar jogando couces, e assim morreu. Sendo já depois do meio dia podiam estar mortos dezeseite homens sómente. Ordenaram de mandar vir muito gado, para que atraz d'elle fosse a gente, e com menos perigo dessem batalha.

**XX**

Do que succedeu depois de vir o gado.

Como a ilha foi sempre de muito gado, d'ali a pouco espaço e perto havia muito, que em breve tempo trouxeram, tanto, que era mais ou tanto, como os soldados castelhanos. Em chegando, os pastores que com elle vinham o puzeram por ordem todo espalhado, que tomasse a largura e tamanho como o campo que tinham tomado os castelhanos, e atraz do gado a gente toda, de maneira que deram sobre os soldados castelhanos, que quando chegaram os que iam em a retaguarda, não acharam que matar. Muitos se botaram ao mar, e como iam armados se iam ao fundo; outros, para tirarem as armas ao longo do mar, não as podiam tirar tão presto, que os não matassem; e os barcos e bateis arredados, que lhe não chegassem com os arcabuzes. A armada, muito triste com bandeiras e estandartes botados a baixo. A gente, ao longo do mar engolfados com despojos; e temendo se o corregedor e os capitães, por estar a gente toda descoberta, que lhe atirassem do mar com a artilheria grossa; mandaram aos pregoeiros, que com pena de morte todos se retirassem acima. Não tiveram de ver com nada, nem a armada nem a caravela, que todo o dia andou atirando, não desparou peça alguma. Escapariam a nado pouco mais de cinquenta soldados, segundo se viu, e ali se tomaram muitas armas e boas as bandeiras, caixas, e os vestidos; e só dois escaparam vivos, e um moço que se metteu entre os da terra sem fallar. A estes lhes deram a vida, por os acharem depois escondidos, e um fallar portuguez. E o mar té chegar á armada tudo era sangue, que tão assanhada estava a gente pelo fogo que puzeram aos trigos, e dos ameaços que faziam. Mas a gente nobre e de entendimento se poderam dar vida a todos depois de vencidos, o fizeram, mas não podiam com a muita gente do povo. Morreram de terra sómente dezeseite homens; houve muitos feridos e queimados. No dia de Sant'Anna 26 do mez se fez muita festa na cidade, pela victoria que tiveram com pouca gente morta.

**XXI.**

De como Ciprião de Figueiredo, Capitão mór e Corregedor, ordenou de fazer Capitães n'esta cidade, repartindo a gente das companhias, que eram grandes, por muitos, e misturar mechanicos e nobres.

Vendo Ciprião de Figueiredo, Capitão mór d'esta Capitania de Angra, e os mais que governavam, em como não era bem haver tamanhas companhias de gente, e como os nobres da terra, alguns d'elles, ou a maior parte, não havia que confiar n'elles; e vendo o que tinham feito na casa da salga a D. Pedro de Valdez, e que não deixaria El-rei D. Filippe de saber a contumacia dos moradores, e de mandar grande poder sobre esta ilha, fez o seguinte. E tambem este Corregedor e Capitão mór era regido e governado por um seu escrivão da correição, que se chamava Braz Nogueira, de quem se mormurava ser causa de muitos males e desordens da terra. A este fez capitão de uma companhia, pelo ter por leal, e

es mais ao senhor D. Antonio, e fez Heitor Rodrigues, e Diogo de Lemos, e Aires de Pórras, Alvaro Pires Ramires, o moço, Miguel da Cunha, Martins Simão de Faria, Antonio Rodrigues, André Fernandes Madruga, Artur de Azevedo. Ficou dos Capitães velhos Sebastião do Couto, Pedro Cota-de-Malha, Bernardo de Tavora, e já era Gaspar de Cavio de Barros, e Francisco Dias, dos outenta jurados. Estes eram da cidade, afora outras que depois accrescentaram. O mesmo fez na Villa da Praia, e de San Sebastião, e freguezias de toda a Ilha, tirando os que lhe pareciam que não eram de confiança. E os nobres e fidalgos os repartiu pelas companhias os de confiança, e os que o não eram, e assim proveu as fortalezas que eram feitas, e outras muitas que depois se fizeram. Era mais Capitão em a cidade Fernão Feio, em lugar de seu pae Antonio Pita, por o fazerem Capitão da fortaleza de San Sebastião. De maneira que na cidade fez perto de vinte companhias de gente de pé, e fez companhia de gente de cavallo, que ao diante se dirá quem era.

*Continua.*

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

### IX

*(Continuação.)*

— Vêdes alguma coisa? Sentistes alguma impressão?

— Não vejo nada, mas sinto a ponta de um terço.

— O que quereis de nós?

— Eu nada; trouxeram-me aqui á força, e não sei o que me querem. Não poderei sabel-o?

— Não manifestastes a ninguem desejos de pertencer a uma sociedade poderosa que vos protegesse e ensinasse a ser virtuoso?

— É verdade que sim; mas eu não sabia que estava diante d'ella. N'esse caso, eu quero pertencer-lhe.

— Esse desejo é filho do vosso coração; não fostes seduzido, nem constrangido?

— Não fui seduzido, nem constrangido (inspiraram-lhe ao ouvido); e elle disse-o, sabendo que mentia.

— Pois bem, a arma cuja ponta sentistes, é a imagem do remorso que hade ferir-vos, se nos fordes traidor; a vossa cegueira actual representa a dos homens em quanto não conhecem a estrada da virtude em que ides entrar. Dizei outra vez, é por acto espontaneo que nos vindes pedir que vos recebamos entre nós?

— Sim, senhor.

— Mas notae que nós costumamos experimentar os nossos candidatos com provas horriveis sobre o seu valor pessoal, sobre o grau de sua intelligencia, e absoluta obediencia, e seu desprezo da morte; estaes decidido a sugear-vos a essas provas. Pensae bem na vossa resposta.

— Estou prompto a quanto me ordenardes, dizem-lhe ao ouvido, e elle responde em voz alta isto mesmo.

— Pois que assim é, lavo as minhas mãos sobre o que vos acontecer. Arrojae esse temerario para fora d'este recinto, e conduzi-o por esse caminho escabroso que é necessario seguir para chegar ao templo da virtude.

Levam-n'o d'ali, e fazem-lhe dar muitas voltas e reviravoltas, e tendo caminhado algum tempo no meio do maior silencio, e sentindo apenas uma viração tepida, e local, achou-se de repente n'um sitio, onde nem o som dos passos se deixava ouvir.

A voz fallou-lhe de novo, mas como se a colera o abafasse:

— Durante a vossa viagem, soubemos que estaveis em casa de um tal Boukari, homem traidor, e que vós vinheis aqui para nos expiardes; e por isso morreréis.

— Isso não é verdade. Boukari era incapaz d'isso, e eu tambem.

— Não nos desmintaes. As provas são concludentes, e só ha um meio de vos salvardes, pois do contrario morreréis infallivelmente.

— E qual é? Eu não tenho medo da morte, mas tambem não a desejo. Dizei o que exigis de mim.

— Que volteis para casa de Boukari, e que em occasião oportuna o mateis. É por este acto de obediencia que vos mostrareis puro, e digno de pertencer-nos.

Uma voz insinua-lhe ao ouvido esta resposta: Dá-me o ferro, e as ordens d'esta sociedade serão cumpridas:

Mas Ondotó ainda não estava tão pervertido que accitasse esta resposta dos seus *mestres de virtude*.

Por quem me tomaes vós, diz elle enfurecido?... E eu que cuidei que estava no meio de homens de bem!... Ah! Boukari, Boukari! como te enganaram, e como me enganaste! mas hasde saber tudo! Se eu sair d'aqui vivo...

— É desnecessario já agora o teu auxilio. Tu acabas de confessar o seu e o teu crime. Vê como nós nos vingamos dos traidores, e qual é a sorte que te espera. Desvendae-lhe os olhos.

Ondotó achou-se no meio d'uma comprida sala em que tudo estava forrado de preto. Em volta d'elle um grupo de homens com o rosto coberto, como aquelles que o tinham preparado, estavam armados d'espadas que lhe apontavam ao peito: no topo da sala n'uma elevação como de tres degraus estava sentado um homem de grandes barbas, que tinha diante de si uma mesinha triangular, e sobre ella uma luz, que parecia não estar ali senão para tornar mais lugubre aquelle sitio. Á sua direita e á sua esquerda em lugar mais baixo estavam tambem dois homens, cada um dos quaes tinha diante de si uma mesinha do mesmo feitio que a do throno, mas maior alguma coisa.

Ainda bem não tinha examinado tudo isto, que ao seu lado corre-se uma cortina, e vê... Sobre uma especie de tablado coberto de preto assentava como uma mesa tambem coberta de preto, e sobre esta uma cabeça livida e ensanguentada mettida n'um prato muito sujo de sangue, duas luzes brancas a um lado e outro da cabeça projectavam sobre ella uma claridade sinistra! Ondotó olhou espantado, pareceu-lhe reconhecer n'aquelle semblante decomposto as feições de Boukari, fez um esforço para soltar os braços, e correu para affirmar-se, mas o grupo dos portadores d'espadas impediu-o; a cortina correu-se sobre este espectáculo, e o homem que estava no throno disse lugubrememente:

— Assim acabam todos os traidores.

Mas Ondotó já o não ouviu; tinha caído sem sentidos. Levaram-n'o em braços d'ali para fora; fizeram-n'o respirar o fumo de pennas queimadas, esfregaram-lhe as fontes, deitaram-lhe agua sobre a cabeça até que finalmente deu um suspiro. Então todos

se retiraram e deixaram-n'o só com Boukari ; pouco depois abriu os olhos, e achou-se nos braços d'este que o estreitava com amor a si. Mal Ondotó o viu, foi seu primeiro impulso fugir cuidando que era o seu espirito, mas quando se convenceu de que o que tinha diante de si era realmente o mesmo Boukari em carne e osso, tal como o tinha deixado em casa poucas horas antes, disse-lhe :

— Como podeis estar mettido entre homens tão maus. Vamo-nos d'aqui, do contrario matar-nos-hão, que são peiores do que os tygres e as onças dos nossos bosques. Fugamos.

Boukari olhou para todos os lados para se certificar de que ninguem ali se achava ; e chegando-se para Ondotó, tão perto que a sua bocca tocava quasi na orelha d'este para que ninguem pudesse ouvir-o :

— Convem-te, disse-lhe, convem-me a mim, e convem a coisa mais alta e sagrada do que nós somos, que entres n'esta associação a que tambem pertenco. Não tenhas medo d'elles, que são menos maus do que pensas, ainda que muito mais do que alguns pensam ; e podem servir-nos de muito para certos planos que trago entre mãos, com outras pessoas, e que te hão de ser proveitosos.

— Mas que gente é esta então, de quem fallas com tanta cautela, como despreso ?

— Ouve isto, mas guarda-o contigo, que se o Suspeitassem eram capazes de me assassinar com a calumnia no meu credito, pelo menos, e atraiçoar-te a ti. Esta sociedade pode considerar-se por dois lados ; por um, são serpentes de coral quando estão enraivecidos, e submissos como cães quando estão contentes ; por outro lado é um sacco onde muitos mettem, e poucos tiram. Agora vou-me retirar, e dizer-lhes que estás prompto para continuar a cerimonia, e no entanto estuda alguma razão para explicar o teu desmaio ; qualquer que seja, hão de acceital-a porque o que elles querem é muita gente.

Dito isto, vendou os olhos de Ondotó, e saiu a reunir-se com os outros na sala das experiencias.

Pouco depois entraram os introductores, e o conduziram ao local onde se tinha passado a scena que acabamos de descrever. Do fundo da sala ouviu-se uma voz que lhe perguntava :

— Apesar do que vistes ainda insistis em fazer parte dos nossos ? Mas nota que se no caso presente se tratou sómente d'uma experiencia, pode ser que mui brevemente se trate d'uma realidade, e nós vimos que tendes um coração fraco : parece-me que é melhor que vos retireis.

— Eu irritei-me por ver que se calumniava um homem virtuoso, e affligiu-me o ver que esse homem innocente havia caido victima da calumnia. Isso, e o horror do acto que tinha diante dos olhos, e mais a falta de ar foram causa do meu deliquio ; mas a franqueza com que expuz a minha opinião deve ter-vos mostrado que não tenho um coração fraco, e que a minha mão não o será tambem. Eu quero ser dos vossos.

(Bravo, bravo, muito bem, muito bem, ouviu-se de todos os lados.)

— Como a assembléa acceita e applaude as vossas respostas, não tenho direito a mostrar mais exigencias do que ella ; mas já que quereis ser dos nossos, devo prevenir-vos do que convem que saibaes antes de vos ligardes a nós irremissivelmente, para se vos não convier poderdes retirar-vos, dando-nos primeiro a vossa palavra de honra de que não contareis a ninguem o que vistes e ouvistes em quanto aqui

estivestes, e sujeitando-vos a soffrer as consequencias se a quebrantardes.

Todas as sociedades tem as suas leis particulares, que constituem os seus direitos com relação a cada membro d'ellas, e os deveres de cada um d'esses membros ; e essas leis são mais fortes, mais duras e mais implacaveis quando se trata de associações secretas, como esta é. Convindes n'isto ?

— Sim, senhor.

— O primeiro de vossos deveres é um silencio absoluto sobre tudo o que virdes, ouvirdes, ou descobirdes no meio de nós ; e sobre tudo o que para o futuro chegueis a ver, ouvir e saber. Não podereis dizel-o a ninguem, nem escrevel-o, nem pintal-o, nem graval-o. A infracção a este dever vosso pode ser punido a aprasimento da assembléa, inclusivamente com a morte. Reconheceis este dever, e consequentemente o nosso direito ?

— Sim senhor.

— Essa resposta geral não nos basta. Não queremos equivocos. Reconheceis na sociedade o direito de vida e de morte sobre os associados ?

— Reconheço ; porque não sei que nenhuma sociedade possa existir sem esse direito sobre os seus membros.

Continua.

Sousa Monteiro.

#### BIBLIOGRAPHIA.

Acha-se no prelo a comedia — Como se sobe ao poder — de L. A. Palmeirim.

A comedia — O Camões do Rocio — de I. M. Feijó.  
O drama — A Torre do Corvo — pelo mesmo autor.

#### AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas, o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho ; Coimbra, a Imprensa da Universidade ; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira ; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira ; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro ; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo ; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle ; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel ; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda ; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves ; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 24 ; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães ; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira ; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.